

opción

Revista de Antropología, Ciencias de la Comunicación y de la Información, Filosofía,
Lingüística y Semiótica, Problemas del Desarrollo, la Ciencia y la Tecnología

Año 32, diciembre 2016, N° Especial

12

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

ISSN 1012-1537 / ISSNe: 2477-9385

Depósito Legal pp 198402ZU45



Universidad del Zulia
Facultad Experimental de Ciencias
Departamento de Ciencias Humanas
Maracaibo - Venezuela

Opción, Año 32, Especial No.12 (2016): 254-280
ISSN 1012-1587 / ISSN: 2477-9385

A mediação no processo de aprendizagem social: Ação colaborativa entre o professor e o aluno

Jimmy Pierre

Maria Silvia Rosa Santana

Universidade Estadual de Mato, Grosso do Sul y bolsista da

OEA/FUNDECT-Brasil

jimmyp03@yahoo.com

mariasilvia@uem.br

Resumo

Neste artigo, objetivamos discutir o conceito de mediação na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, considerando-o como um processo socialmente constituído, que promove a relação do homem com o mundo social e material. Para isso, destacamos alguns elementos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem, como os conceitos de instrumento, sujeito e objeto, com o objetivo de explicitar o papel da mediação neste processo. Dessa forma, concluímos que a qualidade da mediação propiciada à criança interfere diretamente no desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores, ressaltando o caráter social do desenvolvimento humano, especificamente nas aprendizagens significativas que ocorrem nas situações de ensino escolar.

Palavras-Chave: Educação; Mediação; Funções Psicológicas Elementares; Funções Psicológicas Superiores; Zona de desenvolvimento proximal.

La mediación en el proceso de aprendizaje social: acción colaborativa entre el profesor y el alumno

Resumen

Mediante este artículo, analizamos el concepto de mediación en la psicología histórico-cultural, considerándolo como un proceso social en el cual se favorece la relación entre el hombre y el mundo. Por lo tanto, destacamos algunos elementos clave en el proceso de enseñanza y aprendizaje, tales como los conceptos de: instrumento, sujeto y objeto. Por eso, planteamos como objetivo, explicar el papel de la mediación en este proceso, focalizando en el enfoque histórico-cultural, por su excelente manera de abordar el tema en cuestión. Teniendo en cuenta su relación con otros aspectos importantes para el desarrollo de los niños en edad escolar.

Palabras Clave: Educación; Mediación; Funciones psicológicas elementales; Funciones psicológicas superiores; Zona de desarrollo próximo.

Mediation in the social learning process: collaborative action between the teacher and student

Abstract

This article makes some considerations of the concept of mediation in the historical-cultural psychology, considering the mediation as a social process that favors the relationship between man and the world. Therefore, we highlight some key elements in the process of teaching and learning, as the instrument, the subject and object. That why, we objectify to explain the role of mediation in this process. Focusing on the historical-cultural psychology for

his excellent approach to the issue that we are considering. Taking into account their relationship with other important aspects that can help the development of children at school age.

Keywords: Education; Mediation; Psychological Elementary Functions; Higher Psychological Functions; Zone of proximal development.

INTRODUÇÃO

A mediação é um elemento fundamental para a apropriação e objetivação da cultura historicamente elaborada visando a promoção do desenvolvimento humano, pois considera o social como fator central, por meio do qual estabelece a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, visando adquirir e desenvolver características fundamentais ao ser humano, através da relação dialética entre o meio e o homem.

Tendo em vista a importância dessa interação, que tem por finalidade o desenvolvimento do homem tanto do ponto de vista histórico, quanto social e cultural, acreditamos ser de grande relevância a elaboração deste trabalho, por meio do qual discutiremos a mediação no processo de aprendizagem social. Dessa forma, consideraremos os traços das ações colaborativas durante o processo de trabalho escolar, no qual os principais elementos são o mediador e o mediado.

Como consequência, consideramos a teoria histórico-cultural como a base para a elaboração desta pesquisa, por serem nela abordados elementos que acreditamos serem essenciais para o desenvolvimento do ser humano, tais como: a história, o social e a cultura, discutidos por Vygotsky (2007, 2012). Todos esses fatores produzem êxito graças às atividades mediadas, que são utilizadas pelos seres humanos para transformar o meio em algo útil, fazendo uso da mesma atividade que cumpre duas funções: em primeiro lugar, cria suas necessidades e, logo, num segundo momento, satisfaz essas necessidades de maneira objetiva e subjetiva, em suas relações com os outros homens (González, 2012).

A partir de uma profunda análise dessa questão, procuramos também estabelecer uma diferença entre alguns aspectos fundamentais dos seres humanos, tais como: sua atividade mediada, sua liberdade e sua própria consciência, vistas em comparação com os animais, que são privados dessas características. Ademais, podemos considerar também alguns outros aspectos que nos podem dar uma ideia mais clara em relação a esse tema. Esses aspectos compreendem a relação estabelecida entre os seres humanos com o seu meio ambiente físico e social, sem esquecer as novas formas pelas quais o trabalho desempenha uma função mediadora na relação do homem com a natureza, bem como suas consequências, do ponto de vista psicológico, e as características das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem, discutidas por Vygotsky (2007).

Ao abordar tal tema, precisamente a mediação na educação, essa abordagem faz-nos lembrar da grande responsabilidade dos professores como sujeitos do mundo e, por isso, como seres que compartilham suas experiências com os educandos de maneira histórica, permitindo-os atuar de forma ativa na sociedade.

Fazendo uso das ideias de Freire, citado por Bulgræn (2010), nos interessa compartilhar o ponto de vista de que o trabalho do professor tem como objetivo oferecer uma boa formação e, ao mesmo tempo, contribuir para uma sociedade em que os homens sejam capazes de pensar em prol de sua evolução. Portanto, para poder alcançar essa finalidade, o professor deve ser responsável por assumir o seu verdadeiro compromisso, que é organizar os conteúdos a serem ensinados, visando o caminho de aprender a ensinar.

Como se trata de uma ação colaborativa social, uma vez que a formação do professor deve ser constante, se requer desse profissional uma qualidade muito importante, que é o compromisso pela profissão e pela educação, ao levar colocar em prática o seu papel tão importante, a saber, aprender a ensinar.

Levando em conta, portanto, as considerações dos parágrafos anteriores, em que definimos a mediação como um processo no qual existe uma interação entre o sujeito, objeto e instrumento,

abordaremos, agora, a mediação na teoria histórico-cultural - tema central deste trabalho.

1. A MEDIAÇÃO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Falar da mediação nos processos de ensino e aprendizagem nos leva a uma análise aprofundada do tema, por trazer consigo a marca do pensamento histórico, incluindo sua formação na realidade ativa, e partindo das diversas intervenções, sobretudo nas perspectivas didático-pedagógicas. Mas, quando falamos de mediação, já estamos referindo-nos a um processo social ou a uma vivência comum, incluindo outras facetas-chaves, a saber, o social, o histórico, o político, o econômico e, sobretudo, o educacional.

Graças a essa concepção transformadora, resultam diversas mudanças do ponto de vista educacional, iniciando na concepção da escola tradicional, escola nova, tecnicista, para chegar à perspectiva histórico-cultural cuja abordagem enfoca-se nos diferentes conceitos mencionados neste tópico. Tais conceitos esclarecem-nos acerca do papel socializador da escola para o processo de ensino e aprendizagem, que é um fator chave na relação do homem com o mundo. Esse processo está se movendo para novas áreas de aquisição de conhecimento, que são capazes de resolver problemas em situações diversas na educação.

Nessa perspectiva, a educação é elemento fundamental na formação do indivíduo, mediando a relação entre as esferas da vida cotidiana e a não cotidiana da prática social, o que, ao alcançar tal objetivo, prepara o indivíduo não só para superar as atividades das práticas diárias, mas, também, as atividades que se encontram na esfera da ciência, da filosofia e das artes. É por isso que Vygotsky faz uso do conceito de trabalho de Marx para referir-se à mediação, processo fundamental para compreender o funcionamento do cérebro, afirmando: “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2002 *apud* MARTINS; MOSER, 2012:9).

Os autores prosseguem dizendo:

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA 2002 *apud* MARTINS; MOSER, 2012:10).

Considerando o citado acima, entendemos a importância do instrumento no processo da realização de qualquer tipo de trabalho cuja função seja transformar/mediar a relação com o mundo. Como, por exemplo, para se expressar uma ideia, fazemos uso da linguagem; nesse caso, a mediação pode ser a palavra em si ou a própria linguagem, que desempenha o papel pivô no processo de aprendizagem.

Duarte (2001) apresenta a importância do trabalho dos professores em participar na formação dos alunos, tanto pelas atividades cotidianas quanto pelas não cotidianas, o que proporciona grandes desafios para os professores. O mesmo autor considera que o trabalho dos educadores não deve se basear na prática da vida cotidiana, que compreende a linguagem, o pensamento, a ação e a relação entre o sujeito que aprende e que se relaciona diariamente “[...] através do processo que não exige a reflexão sobre a origem e sobre o significado dessas objeções” (DUARTE, 2001:33). De outro modo, falando da esfera não cotidiana, é onde estão as ações, a linguagem e os conceitos constituídos numa relação consciente com a ciência, a arte, a filosofia, a moral e a política, pois “[...] a responsabilidade do homem é pensar sobre o significado dos conhecimentos científicos para logo produzir e reproduzir a ciência” (DUARTE, 2001:30).

Nesse caso, a escola deve cumprir o seu papel que, na pedagogia histórico-crítica, conforme menciona Saviani, citado por Duarte (2001):

- a) Quando diz que é a função da escola pensar sobre a melhor maneira de converter o saber objetivo, baseando-se no fato histórico e refletindo sobre utilidades desse

conhecimento do momento presente e os seus resultados no futuro.

b) A utilização de métodos que favorecem uma transformação do saber objetivo em saber escolar, procurando sempre que este seja assimilável por parte dos alunos adequadamente.

c) E, por último, procurar compreender que os meios utilizados não se resumem só em uma boa assimilação dos conteúdos pelos alunos, mas também que estes sejam capazes de utilizá-los quando necessário.

Ao considerar essas argumentações, a função mediadora dos professores ficará mais clara, assim como a sua proposta didático-pedagógica, e se sentirão preparados num nível máximo para oferecer melhores ações educativas. Assim, levando em conta essas considerações, podemos afirmar que o processo de aprendizagem se torna possível por meio da mediação semiótica ou da interação com outro, interação social - neste caso, a palavra cumpre a função mediadora ou facilitadora dessa interação.

Vygotsky nos faz lembrar a importância da mediação no desenvolvimento das crianças durante as suas ações, considerando que:

[...] o momento de maior significado no curso de desenvolvimento intelectual, que dá formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala da atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem. (VYGOTSKY, 2007:12)

O autor fez uso dessa ideia baseando-se numa experiência de Kohler, ao comparar a fala da criança com a dos macacos, demonstrando a importância da fala e do uso de signos como elementos incorporados em qualquer ação organizada em duas linhas totalmente novas, e enfatizando sobre o uso de instrumentos como um ato puramente humano, deixando claro as limitações dos outros animais com relação a isso.

Todo processo social exige a mediação. Assim, no caso da criança, ao começar a socializar-se com o seu ambiente, faz uso da fala do ajudante, o que produz não só novas relações com o ambiente, mas também novas organizações no seu comportamento. Desse modo, desenvolve a base intelectual que vai converter em produto de trabalho, o que denomina, “[...] a forma especificamente humana do uso de instrumentos” (VYGOTSKY *apud* GONZALEZ 2012:12). O próprio autor destaca a importância da fala nas crianças à medida que estão crescendo, por ser um elemento acompanhador tanto na sua atividade prática quanto na sua elaboração mental.

Tanto Vygotsky como Leontiev destacam os conceitos “meios mediacionais” e “ação mediada” como conceitos-chaves para compreender o significado verdadeiro do processo de aprendizagem. Ao utilizar o conceito “meio”, é possível compreender que o processo de aprendizagem não é um fato direto, mas, sim, deve haver uma mediação que lhe vai permitir o acesso indireto (MARTINS; MOSER, 2012).

Vygotsky (2007) destaca, ainda, a importância do uso signos para aclarar toda confusão possível entre o campo sensorial e o sistema motor, adotando novas posturas de comportamento. Desse modo, facilitaria a existência de uma “barreira funcional” entre o início e o término do processo de escolha das ações, utilizando novas formas para solucionar problemas comparativamente ao passado, graças a essa nova conexão estabelecida entre o estímulo e o signo relacionado. As ações, que antes exigiam sua própria escolha, são realizadas agora através de uma operação pronta. É por isso que Vygotsky escreve: “[...] o sistema de signos reestrutura a totalidade do processo psicológico, tornando a criança capaz de dominar seu movimento. Ela reconstrói o processo de escolha em bases totalmente novas” (VYGOTSKY, 2007:27). Nessa perspectiva, o movimento deixa de ser direto e passa a ser indireto, controlado pelas funções simbólicas e acompanhado da resposta da escolha.

Outro autor importante para essas contribuições é Kohler (*apud* VYGOTSKY, 2007), quando considera que uma pessoa ser capaz ou incapaz de concentrar a própria atenção é um fator importante

para determinar o sucesso ou fracasso de qualquer operação prática. Por isso, consideramos a atenção como uma das funções psicológicas mais importantes, uma vez que tem como base o uso dos instrumentos. Assim, diferenciamos a inteligência prática das crianças da dos animais, enfatizando sobre a capacidade daquelas de reconstruírem a sua percepção e, ao mesmo tempo, libertarem-se de uma estrutura perceptiva bem determinada. No entanto, tudo isso depende da mediação da palavra, que dá início a um domínio de sua atenção, criando novas estruturas relacionadas com a situação percebida. Interessa-nos agora, portanto, discutir o papel dessas funções psicológicas no desenvolvimento das crianças.

2. AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Martins (2013) trata, em sua obra, das funções psicológicas superiores, com base em estudos de autores como Vygotsky, Leontiev, Luria e outros, o que nos oferece argumentos úteis para entender melhor a importância dessas funções. Graças à análise desses psicólogos, somos capazes de entender as características da vida social humana, qualificando o homem como ser humano. Esse entendimento tem como base a compreensão do conceito de psiquismo como a imagem psíquica da realidade, bem como suas principais relações com a vida real, incluindo as intersíquicas e intrapsíquicas, que formam a personalidade.

O autor destaca o problema geral em torno do qual se detém a “escola vygotskiana”, que se concentrou nos estudos das diversas formas culturais do desenvolvimento do comportamento, tendo como ponto de partida o desenvolvimento infantil. Por meio de sua hipótese sobre as formas culturais de conduta, identificou o desenvolvimento humano em dois eixos diferentes que, ao passo que se relacionam, seguem mantendo suas características próprias. Trata-se da linha de desenvolvimento orgânico e da linha do desenvolvimento cultural.

Rosas e Sebastián (2008), por meio do texto sobre Vygotsky, mostram-nos a posição da teoria histórico-cultural, elucidando a

diferença qualitativa entre o homem e os outros animais, incluindo os primatas superiores, referindo-se à obra de Darwin, que dava muita importância ao pensamento científico de sua época, meados do século XIX. Por meio desse pensamento, nos é possível entender de forma qualitativa a diferença do homem com o do resto dos animais, até que podemos nos referir também ao caso dos primatas que possuem certa capacidade de inteligência, mas de forma limitada, uma vez que não possuem atividade criadora.

Van der Veer e Valsiner, citados por Rosas e Sebastián (2008) em seus estudos, viram o desenvolvimento ontogenético num sentido parecido com o filogenético, incluído na sua base histórica, comparando o homem primitivo, num estado menor do desenvolvimento intelectual, como o macaco e as crianças, em contraste a Vygotsky, para o qual o desenvolvimento psicológico do homem, seja no âmbito histórico, social ou cultural, está posto em duas linhas complementares. Essa visão facilita-nos um melhor entendimento sobre a evolução do homem como igual a de outros seres vivos, mas sem esquecer a forma de desenvolvimento particular de cada indivíduo. Esclarecem-nos os autores: “A situação do progresso do ser humano não é só biológica, mas qualitativamente distinta, a saber, o histórico, cultural inaugurado pela criação de ferramentas materiais e sociais relacionadas à organização do trabalho humano” (DIAS; BALMACEDA, 2008:31, tradução nossa).

A primeira linha do desenvolvimento a que se refere Vygotsky é considerada natural, pois diz respeito aos atos e processos psicológicos que existem em comum com os outros animais, tais como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento; são conhecidos também como funções psicológicas elementares. A segunda linha do desenvolvimento é artificial, cultural em sentido próprio, e é mais complexa por ter ações e elementos incluídos como instrumentos, signos desenvolvidos de forma histórica e cultural, os quais mudam os processos elementares de maneira radical, conhecidos como processos psicológicos superiores ou instrumentais, conforme Vygotsky e Wertsch (apud Rosas e Sebastián, 2008).

Baseando-se nessa mesma referência, Vygotsky explicou a ação dos processos psicológicos elementares e dos superiores, utilizando um esquema com dois estímulos, dos quais nos apoiamos das quatro ideias-chaves ilustradas para explicar as diferenças entre esses dois processos:

a) A primeira diferença está relacionada ao controle de um e outro, pois os processos psicológicos elementares estão controlados automaticamente pelo entorno, enquanto os processos psicológicos superiores estão autorregulados pelo indivíduo, que os vai criar e utilizar para dar início a uma conduta imediata.

b) O segundo ponto de divergência está relacionado com o primeiro, mostrando que os processos psicológicos superiores têm um nível superior de regulação, uma vez que faz uso da consciência, diferente dos elementares, em que a transformação se realiza de forma espontânea com a maturação.

c) O terceiro ponto a ser considerado é o que diz respeito aos processos psicológicos superiores e seu caráter social. Este processo não teve sua existência de forma natural, mas sim através das relações ou participação dos seres humanos em atividades sociais, quer seja em grupos pequenos ou através da relação estreita com outras pessoas.

d) O último ponto está em conformidade com a ideia de Vygotsky, quando afirma “[...] o controle voluntário, a realização consciente e a natureza social dos processos psicológicos superiores requerem a existência de ferramentas psicológicas ou signos, que podem ser utilizados como elementos de controle da própria conduta e a dos demais.” (WERTSCH *apud* ROSAS; SEBASTIÁN, 2008, p.33, tradução nossa). Ao incorporar essas ferramentas de caráter social, temos o que é definido como *Mediação semiótica*, que é o processo relacionado com as características principais do funcionamento intelectual tipicamente humano, que forma parte do enfoque da teoria histórico-cultural de Vygotsky.

Para entender a *mediação semiótica* a que se está referindo Vygotsky, é preciso ter em mente que ele amplia a sua análise utilizando outros autores, como Marx e Engels, com relação à função social do trabalho na vida dos seres humanos, confirmando o que mencionamos anteriormente sobre a importância dos instrumentos ao realizar algum tipo de trabalho, que antes dependia da sorte e da força física. Nesse ponto, faz-se necessário perguntarmo-nos: que papel desempenha a aprendizagem no desenvolvimento psíquico?

3. PAPEL DA APRENDIZAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

Em qualquer fase, o desenvolvimento do homem, somente ocorre por meio de sua experiência social. Cabe salientar que uma das formas pela qual ocorre essa aquisição é através do ensino, por contribuir sempre no desenvolvimento do homem (TALIZINA, 2000). Quando se fala da formação, refere-se às novas mudanças, ou seja, às mudanças qualitativas na vida psíquica do homem. A mesma autora mostra que, nos estudos da psicologia sobre a influência do ensino na esfera cognoscitiva das crianças, é possível notar que o ensino tem uma influência em todos os aspectos da vida psíquica da criança, sobretudo no desenvolvimento de sua personalidade.

A autora, ao abordar a influência do ensino no desenvolvimento das crianças, destaca dois postos-chaves, que formam a base desse processo. O primeiro se trata do desenvolvimento funcional do intelecto, baseado no enriquecimento dos conteúdos através das ações intelectuais e dos conceitos novos. Já o segundo ponto diz respeito ao desenvolvimento pela idade, acompanhado das características nas mudanças do intelecto e da sua reestruturação na relação com o meio. É por isso que Zaporozhets escreveu acerca do tema, afirmando:

Mudanças fundamentais que consistem no domínio de ações isoladas, em sua realização consequencial em diferentes níveis e planos, senão em formação desses

mesmos níveis, por exemplo, o surgimento de planos internos [...] das representações e das transformações imaginárias da realidade. (*apud* TALIZINA, 2000:306).

Martins (2013) apresentou uma ideia em comum entre a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, mostrando que ambas têm focado no preceito do materialismo histórico-dialético. A autora afirma que não são todos os modelos pedagógicos que podem ter um resultado positivo no desenvolvimento psíquico, e Vygotsky, por sua vez, vai nessa mesma direção, quando expressa de forma afirmativa que não são quaisquer aprendizagens que o promovem.

Vygotsky (2007) fez uma abordagem do tema baseado na interação entre aprendizado e desenvolvimento, tendo como enfoque três grandes teorias que discutem esse tema, em que: a) centra-se a ideia de que tanto o processo de desenvolvimento na criança como o aprendizado são independentes; b) a segunda posição teórica define o aprendizado como o desenvolvimento; c) a terceira posição está baseada no estabelecimento da relação entre o processo de aprendizado e o de desenvolvimento.

Para seguir com essa discussão, consideramos o primeiro ponto dos três enfoques acima, em que o processo de aprendizagem é considerado de forma externa, na qual não há uma participação dinâmica com o desenvolvimento, tampouco oferece elementos para alterá-lo na sua sequência. Tal enfoque apresenta casos de estudos experimentais que apontam que o desenvolvimento do pensamento das crianças em idade escolar tem confirmado o processo como dedução, compreensão e evolução das noções de mundo, bem como outros aspectos do pensamento ocorrem por si mesmos, fora da ajuda da aprendizagem escolar.

Vygotski faz referência aos clássicos da literatura sobre psicologia, referindo-se a Binet e outros autores, que concordam que o desenvolvimento é a base da aprendizagem, portanto, as funções mentais da criança devem estar preparadas para assimilar algum assunto particular, caso contrário, seria impossível terem sentido os atos de instrução. Partindo desse ponto de vista, podemos

dizer que ao ensinar qualquer assunto que não está ao alcance da criança, o objetivo principal deve se basear, sobretudo, em buscar o limiar inferior com relação a sua idade, para que este aprendizado se torne possível. É por isso que o Binet finaliza sobre esse posicionamento afirmando: “[...] o aprendizado forma uma superestrutura sobre o desenvolvimento, deixando este último essencialmente inalterado” (*apud* VYGOTSKY, 2007:89).

A segunda posição, conforme mencionado, está baseada na unidade entre o aprendizado e o desenvolvimento, tendo sua origem num conjunto de teorias totalmente diferentes. Podemos nos referir à teoria de reflexo, que define o desenvolvimento como um entendimento profundo dos reflexos condicionados, sem levar em consideração um aspecto específico, qual seja ler, escrever ou estudar aritmética, mas sim a formação de uma unidade. Um dos autores dessa teoria é James (*apud* VYGOTSKY, 2007), que elaborou este conceito ao reduzir o processo de aprendizagem como formação de hábitos, formando um todo com o desenvolvimento.

Cabe mencionar que a abordagem dessa noção tem um elemento em comum com a teoria de Piaget: ambas consideram o desenvolvimento como a elaboração e substituição de respostas inatas, conforme propõe James: “Em resumo não existe maior maneira de descrever a educação do que considerá-la como a organização dos hábitos de conduta e tendências comportamentais adquiridos” (*apud* VYGOTSKY, 2007:89). Nesse aspecto, o desenvolvimento vem sendo entendido como uma acumulação de repostas possíveis, ou uma maneira de adquirir uma resposta no sentido mais complexo, em vez de uma inata.

A terceira abordagem está baseada numa superação das duas primeiras através de uma combinação entre ambas. Vygotsky (2007) toma como exemplo a teoria de Koffka, que relata o desenvolvimento baseado em dois processos diferentes. A relação se apresenta da seguinte maneira: em um primeiro momento, estabelece a relação direta entre o amadurecimento e o desenvolvimento. Em um segundo momento, define o aprendizado em si mesmo como um processo de desenvolvimento.

Baseando-nos nessa ideia, podemos destacar alguns postos-chaves, os quais o autor considera novos nessa teoria, que são uma combinação dos dois elementos contraditórios, separados do ponto de vista científico. A seguinte análise traz que existe algo em comum entre elas, o que quer dizer que não são opostos nem excludente. Outra ideia dessa teoria enfatiza sobre a função primordial do aprendiz no desenvolvimento da criança.

No que diz respeito à função primordial do aprendiz, podemos considerar a ideia da Talizina (2000), ao mencionar que um dos problemas da psicopedagogia está em esclarecer as condições nas quais se desenvolvem as atividades escolares, que podem alcançar o nível mais significativo do desenvolvimento. Para isso, a autora considera a aprendizagem com atividade condutora, baseando-se nas diferentes atividades que o homem executa. Por conseguinte, existem atividades determinantes para cada idade, ou seja, de acordo com determinada idade, há atividades que podem favorecer o seu desenvolvimento. Por exemplo, na idade escolar, a atividade deve ser a aprendizagem; no caso da idade pré-escolar, devem ser os jogos (TALIZINA, 2000).

Estas proposições partem dos escritos de Vygotsky, a partir dos anos trinta do nosso século, podendo resumir seu posicionamento em dois aspectos: a) a aprendizagem desempenha um papel decisivo no desenvolvimento escolar somente se for construída uma atividade condutora; b) o papel condutor da aprendizagem no desenvolvimento psicológico do homem não deve ter alguns limites no que diz respeito à idade, senão deve cumprir a sua função dentro da idade escolar menor (VYGOTSKY apud TALIZINA, 2000). Por isso, a autora considera o nível primário como a etapa em que as escolas determinam a atividade da aprendizagem, devendo orientar o seu trabalho por meio da zona de desenvolvimento proximal, sobre a qual teceremos considerações no tópico que se segue.

4. ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

O conceito da zona de desenvolvimento proximal teve o seu início com Vygotsky, explicitando a relação interna entre o ensino e

o desenvolvimento. O autor propôs que a aprendizagem deve-se apoiar nas atividades que estão no processo de formação, portanto o ensino deve orientar-se pela zona do desenvolvimento proximal, caso contrário, será insignificante.

Conforme propõe Vygotsky, “A pedagogia deve se orientar não para o dia de ontem, mas para o dia de amanhã do desenvolvimento da criança” (*apud* TALIZINA, 2000:308). Apenas dessa forma é possível despertar as capacidades que estão na fase de desenvolvimento, isto é, as que estão na zona de desenvolvimento proximal.

Outros autores que abordaram o tema foram Vygotsky (2007), Rosas e Sebastián (2008) e Gonzalez (2012). Vygotsky (2007) abordou o tema da zona de desenvolvimento proximal em dois momentos, primeiro ele considera a relação entre a aprendizagem e desenvolvimento de modo geral, e no outro considera alguns aspectos da primeira abordagem enfocando a idade escolar da criança. Tanto Gonzalez como Rosas e Sebastián abordam o tema baseando-se em Vygotsky como o iniciador de um novo paradigma no processo de ensino e aprendizagem escolar, considerando a criança como um ser em processo de desenvolvimento, tendo em vista a sua capacidade e o que está por acontecer mediante a apropriação e objetivação, ou seja, a formação de novas capacidades que pretendem desenvolver-se com a ajuda da mediação de outros, acompanhando do uso de instrumentos e signos.

Antes de abordar o tema de maneira profunda, cabe-nos conceituar os níveis ou zonas de desenvolvimento das crianças, baseando-nos no texto de Vygotsky (2007). Em um primeiro momento, o autor fala de zona de desenvolvimento real (*ZDR*), definindo-a como “[...] o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultados de certos ciclos de desenvolvimento já completados” (VYGOTSKY, 2007:95). Por meio de atividades significativas, objetiva-se identificar o que a criança é capaz de realizar de forma independente e o grau de dificuldade que apresenta nessa realização, para saber que tipo de ajuda está precisando, o que

chamamos de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), definida desta forma pelo autor: “[...] ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problema sob a orientação de um adulto ou com colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 2007:97).

Para sermos mais precisos, podemos definir a zona de desenvolvimento real como quando as funções já amadureceram ou são produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode executar uma tarefa independentemente, não há dúvida de que as funções ou capacidades para aquela tarefa estão prontas nela. De igual maneira, podemos dizer, no caso de zona de desenvolvimento proximal, que são funções que ainda não possuem certa maturação, nesse caso, é preciso assistência ou ajuda de uma pessoa que tenha mais experiência para executar certas tarefas, pois as funções estão por amadurecer. A essas funções chamamo-las de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de frutos de desenvolvimento (VYGOTSKY, 2007:98).

Vygotsky (2007) desenvolve o seu trabalho com a ideia de que o processo de aprendizagem tem o seu início muito antes da criança frequentar os centros escolares. Ele afirma que qualquer conteúdo que vai ser ensinado na escola possui uma história prévia, afirmando que a criança já teve acesso a algumas experiências desse conteúdo muito antes disso, quer seja no período pré-escolar ou de forma desorganizada, cotidiana.

O autor segue afirmando que o mesmo processo que acontece na idade pré-escolar fica mais claro na idade escolar, o que dá espaço a uma nova base de conhecimento científico. Isso porque, durante o seu período de infância, a criança aprende os nomes de alguns animais e objetos através do seu meio ambiente, e todas essas aquisições formam parte de sua aprendizagem. Tendo em vista a maneira como ocorre esse processo, seja através de perguntas ou imitando os outros, isso clarifica a estreita relação que existe entre aprendizado e desenvolvimento nos primeiros anos de vida da criança.

Em seu texto, Gonzalez (2012) mostra a importância de compreender o conceito da zona de desenvolvimento proximal no âmbito histórico-dialético, o que nos dá uma ideia clara de como ocorre o processo de desenvolvimento na formação psíquica dos indivíduos. Só dessa forma conseguiremos compreender que não se tratam de duas zonas ou níveis de desenvolvimento opostos, mas, sim, estão relacionados seguindo a lógica da lei dialética, em que estabelecem uma relação entre si para poder efetivar o processo de ensino e aprendizagem no ser humano.

Graças a esse novo paradigma elaborado em Vygotsky (1993, 1997), foi possível entender devidamente a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, depois de haver realizado diversos estudos com crianças, tanto normais quanto anormais, de forma a mostrar o quanto são importantes esses níveis de desenvolvimento para a formação do ser humano.

Vygotsky, citado por Gonzalez, trata da zona de desenvolvimento proximal da seguinte forma:

A pesquisa mostra claramente o que se encontra na zona de desenvolvimento proximal que se realiza num estado bem determinado, passa ao estado seguinte pelo nível de desenvolvimento atual. Em outras palavras, o que a criança é capaz de fazer com ajuda de outra pessoa hoje, será capaz de fazê-lo por si só amanhã. Por isso, parece verossímil que a instrução e o desenvolvimento na escola têm a mesma relação que a zona de desenvolvimento atual. Na idade infantil, só vale a instrução que avança ao desenvolvimento, deixando atrás este último. Mas, se deve ensinar a criança só o que é capaz de aprender. (2012:163, tradução nossa)

Essa ideia permite-nos entender claramente o papel do professor no desenvolvimento psíquico da criança. Nesse caso, os professores são mediadores tanto da apropriação como na objetivação, no processo de socialização das crianças. O trabalho do professor deve ter como base uma visão futura, de forma a iniciar na criança o

processo de apropriação com os conhecimentos científicos mediados por ele.

Tanto Vygotsky (2007) como Gonzalez (2012) compartilham a ideia de que a zona de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente. Por outro lado, a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente, o que confirma Vygotsky quando escreve:

O trabalho educativo não deve se basear no passado, senão no futuro do desenvolvimento da criança, só dessa forma que a instrução provocará os processos do desenvolvimento que encontra agora na zona de desenvolvimento proximal (1993 *apud* GONZALEZ, 2012:167, tradução nossa).

Nesse sentido, compreendemos que o ato de ensino ou o trabalho educativo deve delinear o futuro imediato da criança, baseando-se na ideia de zona de desenvolvimento proximal, e tendo em conta aquilo que ela já domina ou o quanto amadureceu, mas também considerando aquela que está em fase de amadurecimento, que só pode alcançar através da mediação e ajuda dos adultos, os quais já possuem essas funções amadurecidas. Desta forma, o trabalho do professor, no que diz respeito ao ensino, não deve ter foco apenas na forma retrospectiva, mas, também, no desenvolvimento mental de forma prospectiva.

É por isso que nós, ao discutirmos a teoria histórico-cultural, fazemos referência a uma teoria revolucionária, sem fazer referência a uma revolução partidária ou política, mas, sim, a valores e a mudanças, para que possa haver o surgimento de algo novo no desenvolvimento psíquico da criança. Podemos qualificar de insignificante um trabalho que tem como foco só as funções que já amadureceram na criança. Nessa perspectiva, devemos procurar saber o fundamento das dificuldades de aprendizagem para poder proporcionar algo de novo para as crianças, baseando-nos no desenvolvimento de suas funções mais importantes.

Desse modo, temos em vista a função da aprendizagem no processo de desenvolvimento escolar, ou na apropriação e assimilação dos conteúdos, tanto nas áreas histórica, social e

cultural para o desenvolvimento do ser humano. Enfocar nosso trabalho, tanto cotidiano como não cotidiano, na zona de desenvolvimento proximal é muito importante, porque pode ajudar as crianças a assimilarem melhor as experiências culturais, que são elementos essenciais, tais como: as filosofias, as artes, as relações ético-políticas, juntas com os outros objetivos genéricos do ser humano, conforme afirma apud Heller (2000 apud GONZALEZ, 2012). Mas, para que esses conhecimentos sejam efetivos, é necessário haver um elemento primordial, a saber, o papel mediador do professor nesse processo, que será discutido nas linhas seguintes.

5. PAPEL DA MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Para Vygotsky, qualquer atividade que uma criança realiza pode favorecer o seu desenvolvimento, mas a aprendizagem escolar tem um valor primordial, sobretudo na sua construção do ponto de vista social, cultural e educacional como sujeito. O motivo de ele dizer isso se dá por considerar a escola como a única maneira pela qual as crianças podem ter acesso aos conteúdos e modalidades que as ajudem a desenvolver o pensamento teórico, elemento essencial numa sociedade onde os desafios seguem sendo mais desafiadores a cada dia (CASCONI; SFORNI, 2009).

Os mesmos autores citam Vygotsky quando dão ênfase à inter-relação que existe entre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança ao nascer, confirmando o acesso aos conceitos bem antes de frequentar os centros escolares. Esses conceitos são denominados como conceitos espontâneos ou cotidianos, por serem aprendidos de maneira informal, não organizados a um objetivo bem determinado. Por conseguinte, isso não quer dizer que esses conceitos foram aprendidos sozinhos, pois contaram com a mediação de adultos.

O texto de Cavalcanti (2005), baseado nas explicações de Vygotsky sobre o processo de desenvolvimento mental, explica que não há linearidade entre o funcionamento dos processos elementares e superiores do desenvolvimento. Ele mostrou, a partir da lei geral do desenvolvimento para Vygotsky, que os processos de

desenvolvimento, tanto os elementares quanto os superiores, ocorrem em dois momentos, iniciando num nível interpsíquico, logo passando pelo outro nível, caracterizado como intrapsíquico, mas seguem mantendo a sua relação com cada situação social que com a qual estão envolvidos.

Partindo dessas ideias, compreendemos o papel da mediação no processo de ensino e aprendizagem escolar, objetivo principal deste trabalho, deixando claro ao mesmo tempo que tanto o processo de aprendizagem como o do desenvolvimento do sujeito são diferentes um do outro. Além disso, o ensino escolar possui a especificidade de promover níveis mais complexos de compreensão da realidade, por meio dos conhecimentos científicos intencionalmente organizados na prática pedagógica para que os alunos compreendam a realidade em seus aspectos mais intrínsecos, em sua essência.

Não há dúvida, com relação à análise apresentada nos parágrafos anteriores acerca das ideias desenvolvidas sobre a zona de desenvolvimento proximal, que é preciso destacá-la como um elemento fundamental no desenvolvimento educativo das crianças, uma vez que essas análises destacam a importância da mediação pedagógica e da função que esta desempenha na construção de conhecimento na interação social com os outros, por meio da qual se aprende a distinguir os sentidos de cada objeto do conhecimento. Lembrando ao mesmo tempo que a melhor maneira do uso da mediação por parte dos professores é o uso dos instrumentos sociais e, principalmente, da linguagem, que desde sempre ocupa um lugar determinante na formação do conceito, do pensamento e dos processos intelectuais, como bem menciona Vygotsky:

A formação do conceito é o resultado de uma atividade complexa em que todas as funções intelectuais tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso

e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos (VYGOTSKY 1993 *apud* CAVALCANTI, 2005:195).

Cabe mencionar que o domínio dos conceitos tem sido um elemento relevante nas obras de Vygotsky, considerando-o um dos elementos que pode ter uma contribuição maior no pensamento do ensino escolar. Ele mesmo acrescenta que, para qualquer processo de aquisição de conhecimento, o entendimento dos conceitos é primordial. É graças a esses conceitos que o aluno pode não só estabelecer diferenças como também saber utilizar cada um deles a depender da situação apresentada.

Farias e Bortolanza (2013) fazem referência a Vygotsky ao identificarem dois conceitos relacionados exatamente ao processo de desenvolvimento, de modo que ter um conhecimento de ambos nos servirá de grande ajuda para compreender não só o conceito da mediação, mas também o papel que esta desempenha no processo de ensino e aprendizagem escolar. O primeiro se refere aos “conceitos espontâneos”, aos quais fizemos menção anteriormente, que consistem em adquirir conhecimento através das experiências diárias com os demais, por meio das suas relações sociais e dos objetos da sua realidade. Por outro lado, falam dos “conceitos científicos”, que são adquiridos por meio da escola. A diferença entre eles reside no fato de que os espontâneos não são organizados propositadamente com essa finalidade, que é oferecer uma formação do pensamento tanto teórico quanto científico.

No entanto, para que seja possível a aquisição desses conceitos, deve haver um mediador do processo, por meio do qual o ensino vai ser encaminhado na zona de desenvolvimento proximal ou iminente. Só dessa forma favorece as funções psíquicas superiores. No caso contrário, podemos dizer claramente que não existe apropriação nem a aquisição de conceitos científicos (CASCONI; SFORNI, 2009).

O desenvolvimento psíquico das crianças tem lugar no processo da educação e do ensino realizado pelos adultos, que organizam a vida da criança, criando condições determinadas para o seu desenvolvimento e buscando construir nela as experiências sociais

acumuladas pela humanidade no período precedente de sua história. Os adultos são os portadores dessa experiência social.

Outro fator muito importante que desempenha o papel mediador no processo de ensino e aprendizagem, além do uso dos instrumentos sociais e da linguagem pelos professores, é o professor em si mesmo, ao buscar novas formas de trabalhar, pensar e mudar de paradigma, tanto no contexto social como educacional. Assim, deve ele cumprir com a sua função que é organizar e planejar as condições de aprendizagem, uma vez que o uso da prática pedagógica é imprescindível, visando favorecer nos alunos a aquisição do conhecimento e dos conceitos científicos que estão programados nos currículos escolares. Por isso, Libâneo (*apud* Farias; Bortolanza, 2013:105) diz, em relação à mediação, que “[...] o professor se põe entre o aluno e o conhecimento para possibilitar os meios da aprendizagem, ou seja, as mediações cognitivas”.

Os mesmos autores fizeram uso de Libâneo (2004), considerando a escola como o “lugar de mediação cultural” do nosso tempo. Para ajudar a desenvolver as capacidades de leitura e escrita nos alunos, o professor deve possuir suficientes conhecimentos para poder organizá-los e encaminhar o processo do desenvolvimento acompanhando as práticas de modo “afetivo, cognitivo e moral dos indivíduos”. Essa é a única maneira por meio da qual se pode inserir, de fato, os alunos no mundo da escrita, por desenvolver uma aprendizagem significativa. Graças aos adultos, a criança assimila um amplo círculo de conhecimentos adquiridos pelas gerações precedentes, aprende as habilidades socialmente elaboradas e as formas de conduta criadas na sociedade. À medida que assimila a experiência social, formam-se nas crianças distintas capacidades (ELKONIN 1960 *apud* GONZALEZ, 2012:192).

Para Vygotsky, a escola é o lugar mais adequado para cumprir essa função de modo qualitativamente superior, tendo em vista as condições e meios que possui para levar a cabo esse trabalho. Logo, estamos nos referindo à mediação dos professores e a outros instrumentos que visam o desenvolvimento das funções psíquicas superiores na criança, enfocando as suas ações na zona de desenvolvimento proximal, por ser o mais adequado para a

apropriação e assimilação dos conhecimentos teóricos, tanto no ponto de vista social, histórico e cultural do ser humano.

Podemos destacar um aspecto bastante interessante na ideia, quando considera a relação entre a educação e o desenvolvimento como um problema fundamental da psicologia pedagógica, baseando-se na lei geral da origem das funções psíquicas superiores, tendo em conta suas vivências com os mais experientes e, também, com os colegas que lhes acompanham nesse mesmo processo.

Farias e Bortolanza (2013) destacam a escola como o lugar onde se prioriza a formação social do aluno, pois nela é oferecida uma formação do conceito científico, que para a teoria histórico-cultural tem tido como foco a relação entre a linguagem e o pensamento.

Não obstante, a linguagem pode ser entendida como um elemento mediador cuja função interage entre duas circunstâncias, objetivando garantir a relação do conhecimento entre as pessoas. Sendo o pensamento um resultado da sociedade, para que possa manter o seu nível de desenvolvimento, a linguagem torna-se primordial em fornecer ao pensamento o elemento necessário, sabendo que o conhecimento do homem é construído num primeiro momento sob a base histórica e social para logo alcançar o seu nível através de uma interação cujo elemento mediador da atividade humana é a linguagem, conforme Farias e Bortolanza (2013).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por intuito mostrar, por meio da abordagem histórico-cultural, a importância da mediação no processo de ensino e aprendizagem escolar, tendo como enfoque os conceitos desenvolvidos por Vygotsky e outros autores. Nesse sentido, procuramos explicitar o papel primordial que desempenha a mediação no processo de ensino e aprendizagem, considerando-a não só como um elemento socializador, mas, também, que faz uso de signos e instrumentos para garantir uma verdadeira interação entre os educadores e educandos.

Em um segundo momento, tratamos do tema dos processos psicológicos superiores, utilizando-nos das ideias de Martins (2013), por meio das quais são apresentadas as características do homem ao qualificá-lo como ser humano, destacando suas relações de desenvolvimento, por meio de uma relação interpessoal para logo passar a ser intrapsíquica. Baseando-nos em alguns autores como Rosas e Sebastián (2008), foi-nos possível entender o processo de progresso do homem para além do ser biológico, mas que primordialmente é social e cultural, o que foi explicitado em vários textos de Vygotsky.

Outro ponto importante que tratamos neste trabalho diz respeito à função da aprendizagem para o desenvolvimento psíquico das crianças, partindo da ideia de Martins (2013). Desse modo, apresentamos um ponto de vista da pedagogia histórico-crítica junto com a psicologia histórico-cultural, em que ambas afirmam que não é qualquer tipo de aprendizagem que favorece o avanço do desenvolvimento, enquanto existem outras teorias que apresentam ideias divergentes entre a aprendizagem e o desenvolvimento.

Partindo dos conhecimentos prévios da criança no que diz respeito ao novo elemento abordado na educação escolar, entendemos que a criança nunca chega na escola com um nível de zero de conhecimento, conforme aponta Vygotsky quando fala da zona de desenvolvimento proximal, sobre a qual destaca que a criança possui um nível de desenvolvimento real, que é a capacidade dela de resolver tarefas sem a ajuda de adulto ou professor. Assim, enfatizamos a importância da escola ao levar em conta essas questões, para que o trabalho dos professores seja de qualidade a fim de promover o avanço significativo das funções psíquicas e níveis cada vez mais complexos de desenvolvimento proximal nas crianças.

Finalmente, discutimos o papel da mediação no processo de ensino e aprendizagem escolar, mostrando a relação das crianças com os conceitos de apropriação elaborados por Vygotsky, esclarecendo a diferença entre os conceitos espontâneos e científicos, que são determinantes na aquisição de conhecimento. Através dessa mesma análise, foi-nos possível compreender

também a relação entre a linguagem e o pensamento nas etapas iniciais da formação das crianças, deixando claro que a função mediadora da linguagem facilita a interação entre o conhecimento e os indivíduos. Desta forma, destacamos que a mediação, especialmente no espaço escolar, tem o papel de organizar as aprendizagens de maneira significativa e cada vez mais complexa, a ponto de promover o desenvolvimento das funções psicológica superiores, objetivo maior da atividade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BULGRAEN, Vanessa Cristina. 2009. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista conteúdo**. Capivari, v.1 nº4.
- CASCONE, Odete Bulla; SFORNI, Marta Sueli de Farias (2009). **Organização de ensino e aprendizagem conceitual: possibilidades formativas nos livros didáticos**. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/Seminário_ppe_2009_2010/pdf/2009/11.pdf. Consultado em 20.06.2015.
- CAVALCANTI, Lana de Souza, 2005. COTIDIANO, MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DE CONCEITOS: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Cad. CEDES**, Campinas, vol. 25, n.66, p. 185-207.
- DUARTE, Newton. 2001. **Vygotsky, o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-moderna da teoria Vigotskiana. 2ª ed. Ver. e ampl - Campinas, SP. Autores associados. (Coleção educação contemporânea).
- FARIAS, Sandra Alves; BORTOLANZA, Ana Maria Esteves (2013). **Concepção da mediação: o papel do professor e da linguagem**. Uberaba, Vol. 13, nº29, p.94-109.
- GONZALEZ, Abel Gustavo Garay 2012. **Bases conceituais da teoria histórico-cultural: implicações nas práticas**

pedagógicas. Dissertação do mestrado em educação, São Paulo.

- MARTINS, Ligia Márcia 2013. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores associados.
- ROSAS, Ricardo; SEBASTIÁN, Cristian 2008. **Piaget, Vigotski y Maturana:** constructivismo a tres voces. 1ª ed. 2ª reimp. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.
- TALÍZINA, Nina Fiódorovna 2000. **Manual de psicología pedagógica.** Facultad de psicología universidad autónoma de San Luis Potosí. San Luís Potosí, S.L.P, México.
- VYGOTSKY, Lev. Semiónovich 2007. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Micheal Cole [et al.]. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes. Coleção: Psicologia e Pedagogia.



**UNIVERSIDAD
DEL ZULIA**

opción

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

Año 32, Especial N° 13, 2016

Esta revista fue editada en formato digital por el personal de la Oficina de Publicaciones Científicas de la Facultad Experimental de Ciencias, Universidad del Zulia.
Maracaibo - Venezuela

www.luz.edu.ve

www.serbi.luz.edu.ve

produccioncientifica.luz.edu.ve